

MAGRO JUNIOR, Hilario. Recordações da primitiva Gazeta de Campinas.
Gazeta de Campinas, Campinas, 31 out. 1929.

Recordações da primitiva Gazeta de Campinas

Ha sessenta annos passados apparecia nesta cidade o primeiro numero da *Gazeta de Campinas*, propriedade do Capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques e sob a redacção do Dr. Francisco Quirino dos Santos. A Gerencia foi confiada a José Ma. Lisboa que chamou para auxiliá-lo os typographos—Francisco Pedro de Oliveira, Hilario Magro Jr. e aprendiz—Bento Teixeira Leite—A impressão foi confiada a José Augusto de Moura e ao moleque Sidonio—encarregado de dar tinta aos typos—o *batedor*, na techynica typographica.

A typographia, montada com material usado do *Correio Paulistano*, sendo a machina da impressão um antigo prelo manual—tambem cedido pelo *Correio Paulistano*.

Quão penosa era então a tiragem da folha! Cada exemplar consumia alguns segundos e um esforço muscular consideravel.

A pagina a imprimir era collocada sob uma grança que corria em cima de trilhos e tocado por uma manivella que a conduzia sob uma prensa que o operador trinha da mover por meio de uma alavanca.

A operação se fazia assim:—O papel era collocado, em um chasis que se desdobrava em duas partes:— a primeira para segurá-lo, a segunda para descer sobre a pagina a prancha:— a manivella do prelo conduzia a pagina assim coberta com os chasis até debaixo da prensa e esta baixada, imprimia a folha.

Dava-se á manivella em sentido contrario, levantava-se o primeiro e depois o segundo chasis e a folha era retirada.

Emquanto o impressor, retirava do chasis a folha, o *batedor* do lado opposto o moleque acima—dava a tinta por meio de um rolo de gelatina.

A Gazeta foi recebida, a principio, com certa prevenção, porque entendiam muitos que a imprensa era um pomo de discordia onde ella apparecia. Citavam certos attrictos anteriores que se deram quando existia aqui um jornal—*Aurora-Campineira*, de João Theodoro de Siqueira e Silva, mas depois teve franco acolhimento e farta circulação.

Para a circulação era preciso um distribuidor e foi uma das difficuldades do Lisboa. Afinal indicaram-lhe um homem muito popular aqui—o *Luiz Corneta*.

Veio o Luiz—O Lisboa expoz-lhe o que queria, distribuir a folha de madrugada afim de que os assignantes a recebem cedo...

Ah já sei. Não havia iluminação publica, as ruas em muito mau estado e havia mais uns certos bohemos noctivagos que em correrias, a cavallo, traziam certos logares em polvorea.

O jornal naturalmente havia de verberar essas loucuras e o entregador podia ser agredido.

O Luiz numa gargalhada interminavel—disse:

—Vancê não conhece Luiz José d'Almeida!... Nem de *alma do outro mundo* tenho medo!... *Oie*—Uma vez, na Santa Cruz, eu ia indo, indo... de repente apparecem uma cousa branca. Foi crescendo, crescendo e eu fui afastando, afastando... encostei numa parede, passei a mão numa espada véia e cahí em cima da assombração que vôo pelas rua das Pinga afóra!

Bravo!... Heroe e popular. O Lisboa irradiara de contentamento. Havia achado o homem necessario sem o auxilio da lendaria lanterna!

Mas... (Sempre um *mas* atrapalhador!) O Luiz Corneta não sabia lêr! Decepção! Mas foi passageira. O Luiz salvou logo a situação.

—Fique socegado, seu Lisboa. Eu entrego a *foia*—Olhe— eu conheço toda a gente de Campinas até mesmo no escuro!

De facto deu immediata e irrecusavel prova.

Naquelle tempo, todas as pessoas de Campinas tinham um apelido e eram mais conhecidos por estes do que pelo proprio nome.

Havia até appellidos, que se estendiam por toda uma familia, como:— Os *Samambaia*; os *Pingurras*; os *Broas*; os *Sapateiros*.

Combinadas as condições respectivas o Lisboa começou a ler a lista dos assignantes.

João...

—Ah!... esse é o João dos Oculos.

João Morato...

—Esse é o Dr. João Verde.

João...

—Conheço. E' o João Barulho!

Manoel de Oliveira...

—Espera... Ah! é o Mané Toicinho!

Manoel Alves...

—E' o Mané Cabeça.

Francisco...

—Chico Amarello, sei Francisco...

—E' o Chico Pingurra.

José...

—E' meu amigo— José Sapateiro!

Francisco...

—O Chico Brôa!

...Fulano...

—Meu compadre! — é o Nhonhão!

...Joaquim...

—Esse... esse... ora... quem é?...

Ah já sei.

E o tio Joaquim sem meias!

Estupendo o Luiz—ficou e nos dias que ia basear as folhas para a distribuição nos deliciaeva com as suas inverosimis *rodellas*.

* *

A *Gazeta* em tempo começou a ter pouca materia na secção livre. O que fez o Lisboa?... Em poucas linhas cortou uma *carapuça* e atirou-a sobre a illustre classe dos carneiros. Um dos carneiros achou que a carapuça lhe servia e veio de lança em riste e agride um respeitavel collega ao qual attribuiu a aggressão. O agredido retribuiu e em pouco generalisou-se a contenda entre elles para gaudio da empreza.

Por esse tempo appareceu uma serie de artigos na mesma secção escripta pelo Reis vidraceiro que assignava—*Apparencias*—O Reis era baixinho, de barba ingleza e muito loquáz, mas os artigos eram uma lastima.

O Lisboa aproveitou a enchanga e mettu uma alfinetada no *Apparencias*.

Foi uma explosão. O Reis cresceu, tornou-se gigante e quasi escala o ceu para de lá tirar o audaz critico das suas tão caras locubações. Durou tempo e este, que tudo consome, tambem consumia os cem réis por linha que o Reis pensamente conseguiu e o *Apparencias* emmudeceu!

Mas o Lisboa, maldoso e trocista, não o esqueceu e um dia lá veio na secção livre estas quadrinhas:

Oh apparencias!

Que fazes tu?

Fostes mordido

Por urubú?!

Volta, poeta,

A versalhada

Que desejamos

Dar gargalhada!

Ah se o Reis descobrisse o desalmado o moia de bordoadá!

* *

Os typographos da GAZETA tinham a sua *veiasinha* poetica e... as suas respectivas *namoradas*! Faltava-lhes um caridoso *alambique* por onde pudessem distillar a sua *palxonite* e *zás*... fundaram um pequeno semanario, o primeiro jornal exclusivamente litterario que appareceu em Campinas. — A *Sensitiva*—Pequeno formato, mas elegante—com todas as secções prehenchidas e razoavel redacção, attento ao pouco preparo do pessoal e a sua idade mesmo. Eramos todos garnizés, de 13, 14 e 15 annos!

Agora á ellas!

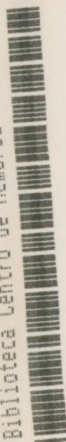
Eis o queixumes de um. A *tyrana* o amassava, o estrangulava com a sua teimosa esquivaça e elle escreveu

Loló querida! Este teu Lelé

Manco de um pé anda se arrastando.

Arrancam-lhe as tripas com infernal rumor

E accerba dôr o vai assim miando.



Neste assumpto era magistral —
vencia um marselez e distanciava
um hespanhol.

Das muitas rodelas contadas por
elle me lembro da seguinte :

O Luiz tinha um botequim no
antigo Theatro S. Carlos e o
explorava nas noites de especta-
culo.

Uma vez lhe perguntamos.

— Luiz, voce não sabe ler, co-
mo se arranja com os freguezes
que compram fiado ?

— Ora !... Ora !... Muito bem.
Por exemplo (elle dizia : — por
acaso) — Eu ponho em cima do
balcão um prato com vinte em-
padas. Chegam — o João dos
Oculos ; o Chico Amarello e o
Chico Pingurra e limpam o prato
e não pagam.

— Então ? perguntamos.

— Então ? — Eu sei que o
João dos Oculos come mais que
o Chico Amarello, e o Chico Pin-
gurra come mais que o Chico
Amarello. No outro dia eu cobro

um pouco do Chico Amarello ;
cobro mais do João dos Oculos
e arrumô no Chico Pingurra !

Via-a uma vez. Era já sol posto,
Em plero Agosto, n'uma tarde
Sorrria o céu e suspirava a brisa.

Está tão magro qual um bacalhau
Mais velho e mau que se encon-
tra a venda.

Ai Lolosinha ! este meu soffrer
Já me faz ver ao sepulchro a senda.

Outro. Este estava obcecado pe-
los olhos da pequena. Eram uns
olhos assassinos, perseguidores, im-
placaveis não o deixavam e o inu-
tilizavam para o trabalho !

Vamos ver.

Esses teus olhos a seguir-me tanto !..
E em qualque canto que me es-
condo a medo,

Depois de um longo rosario de
queixumes mais acabava :

Ver-te, menina, me viras-te a

Pobre cachola que feliz sentia.

Vou ao trabalho... só em ti pen-
sando

E empastelando a typographia !
Namorados originaes — hão de

Este ficou preso, amarrado subju-
gado !

De leve, lisa na amplidão serena
Cabellos d'oiro então teria hoje
Leve, bem leve, o corpinho seu.
Bella, formosa, qual celeste archan-

Assim é o anjo que o meu ser
prende

E prende deveras. O anjo de
cabellos d'oiro então teria hoje
uns venerandos cabellos brancos
si a morte impiedosa não a tives-
se levado na flor da mocidade!
Mesmo assim deixou descendencia,
descendencia que se recommendou
ao meio campineiro não só pelo
seu preparo como por serviços
prestados a collectividade.

Mas a *sensitiva* não foi só um
jornal *piegas*. Foi o cadinho de
ouro em que foram fundidas as
primeiras armas de jornalistas,
Henrique de Barcellos, José Gon-
çalves Pinheiro, Antonio Sarmen-
to.

Nas paginas da *sensitiva* fulgu-
rava já, naquella idade, a pujante
musculatura de combatente que foi
João Alberto Salles — Os seus ar-
tigos visavam um fim util — a *re-
forma das escolas de meninas*.
Um garnizé a querer reformar!

Estupendo!

Na collaboração tivemos Eusenio
Passos, uma lucida intelligencia, e
Eduardo Carlos Pereira que se no-
talisou como dramatico, José Fe-
lippe Pestana e tantos outros que
acolhemos agradecidos.

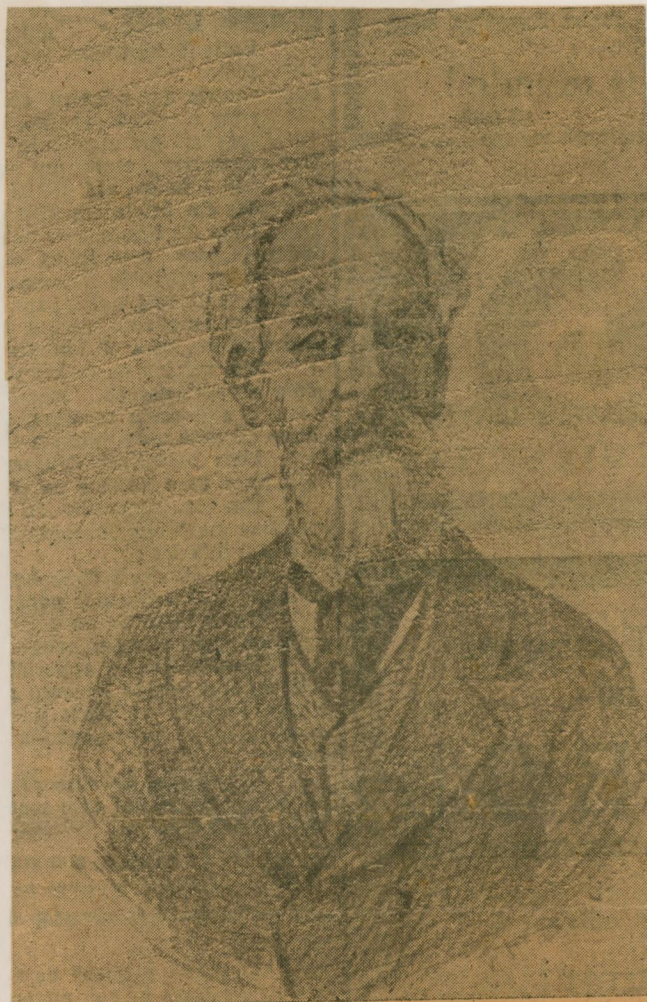
Emfim! Sessenta annos! Occorri-
dos! Sessenta annos, uma montanha
que tive a suprema ventura de es-
calar, mas ao chegar ao cume...
que saudade infinda me invade a
alma!... Que profunda, que amarga
tristeza me confrange o coração!
Que immensa, que profunda que
horriavel desolação!...

Vejo tombados pelas encostas
todos os meus companheiros de
trabalho; vejo tombados pelas en-
costas todos os redactores e colla-
boradores da primitiva *Gazeta*; ve-
jo tombados pelas encostas todos
aquelles cavalleiros portadores de
tão bizarros appellidos; vejo tomba-
dos pelas encostas tantas affeições
vejo tambem tombados pelas en-
costas pontes do meu ser!

Tive a suprema ventura de es-
calar a montanha mas volvendo os
olhos ao passado tenho uma su-
prema amargura.

31 Outubro de 1929

Hilario Magro Jr.



Luiz Corneta
Primeiro entrador da "Gazeta de Campinas"